

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANA MARIA DE BARROS DA SILVA

**RITUAIS E IDENTIDADES INDÍGENAS NO SERTÃO DO RIO SÃO  
FRANCISCO**

DELMIRO GOUVEIA-AL

2024

ANA MARIA DE BARROS DA SILVA

**RITUAIS E IDENTIDADES INDÍGENAS NO SERTÃO DO RIO SÃO  
FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial para conclusão para obtenção do grau  
de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana

DELMIRO GOUVEIA-AL

2024

## Folha de aprovação

ANA MARIA DE BARROS DA SILVA

### RITUAIS E IDENTIDADES INDÍGENAS NO SERTÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
licenciada em História.

#### BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente  
 PEDRO ABELARDO DE SANTANA  
Data: 06/11/2024 14:24:47-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Orientador: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana  
Universidade Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente  
 AYRTON MATHEUS DA SILVA NASCIMENTO  
Data: 07/12/2024 19:04:52-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Examinador interno: Prof. Me. Ayrton Matheus da Silva Nascimento  
Universidade Federal de Sergipe

---

Examinador externo: Prof. Me. Vinicius Alves de Mendonça  
Secretaria de Educação – SEDUC/AL

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a Deus por guiar meus passos e me dar força para alcançar este momento tão especial. À minha família, por todo o amor e apoio. Ao noivo Valério por ser meu porto seguro. Ao meu orientador Pedro Abelardo Santana, pelas sabias orientações. Aos meus amigos de graduação Karine Gomes, Tâmara Silva e José Lucas, pela companhia, pelo incentivo mútuo e por todas as horas de estudo. Sem o apoio de todos vocês, não teria sido possível concluir este trabalho. Obrigado a cada um que de alguma forma contribuiu para este momento tão significativo em minha vida.

Dedico este trabalho à minha família, especialmente à minha mãe a dona Maria de Lourdes, cujo amor e apoio incondicional foram minha âncora nos momentos de dúvida e desânimo. E também dedico esta conquista à minha irmã Maria Aparecida, cuja presença e palavras de encorajamento foram a luz que me guiou quando pensei em desistir logo no início. A vocês, meu eterno agradecimento por acreditarem em mim e por serem minha fonte inesgotável de inspiração. Esta vitória também é de vocês.

“O homem vive dentro do mundo como corpo,  
mas o mundo vive dentro do homem como  
palavra.” (José Carlos de Azeredo)

## RESUMO

Tendo em vista a importância dos rituais dos povos originários como expressões da identidade étnica e cultural, este estudo objetiva investigar o papel dos rituais indígenas nos estados de Alagoas, Pernambuco, Bahia e Sergipe na preservação e promoção da identidade étnica e cultural das comunidades do Nordeste brasileiro. A metodologia adotada para este estudo consistiu em uma revisão bibliográfica abrangente, utilizando fontes de dados eletrônicos como SciELO, *Google Scholar* e bases de dados acadêmicas. Foram selecionados artigos, livros, dissertações e teses que abordassem os rituais e a identidade dos indígenas nos quatro estados específicos. Os resultados da pesquisa revelaram uma riqueza de rituais praticados pelas comunidades indígenas, destacando-se o Toré, o Ouricuri, entre outros. Esses rituais desempenham um papel na preservação da identidade étnica e cultural, promovendo a conexão desses povos com sua terra, história e ancestrais. Além disso, os resultados evidenciaram os desafios enfrentados pelas comunidades, como pressões externas, transformações socioambientais e ameaças à continuidade dos rituais tradicionais. Fica evidente que os rituais desempenham um papel crucial na preservação da identidade étnica e cultural, e representam uma parte fundamental do patrimônio cultural do país que devem ser valorizadas e respeitadas.

**Palavras-chave:** Identidade; indígenas; rituais; sertão do São Francisco.

## ABSTRACT

Given the importance of indigenous peoples' rituals as expressions of ethnic and cultural identity, this study aims to investigate the role of indigenous rituals in the states of Alagoas, Pernambuco, Bahia, and Sergipe in preserving and promoting the ethnic and cultural identity of communities in the Brazilian Northeast. The methodology adopted for this study consisted of a comprehensive literature review, using electronic data sources such as SciELO, Google Scholar, and academic databases. Articles, books, dissertations, and theses that addressed indigenous rituals and identity in the four specific states were selected. The results of the research revealed a wealth of rituals practiced by indigenous communities, with emphasis on the Toré, the Ouricuri, among others. These rituals play a role in preserving ethnic and cultural identity, promoting the connection of these peoples with their land, history, and ancestors. In addition, the results highlighted the challenges faced by communities, such as external pressures, socio-environmental transformations, and threats to the continuity of traditional rituals. It is clear that rituals play a crucial role in preserving ethnic and cultural identity, and represent a fundamental part of the country's cultural heritage that must be valued and respected.

**Keywords:** Identity; indigenous people; rituals; São Francisco backlands.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>2 Identidade ancestral: Uma reflexão sobre os povos indígenas brasileiros .....</b>     | <b>11</b> |
| 2.1 Rituais como forma de expressão da identidade indígena: Uma discussão.....             | 14        |
| <b>3 Histórico das populações indígenas no sertão do São Francisco e seus rituais.....</b> | <b>16</b> |
| 3.1 População indígena no sertão de Alagoas .....  | 17        |
| <b>3.1.1 Características culturais e rituais .....</b>                                     | <b>18</b> |
| 3.2 População indígena do sertão de Pernambuco .....                                       | 20        |
| <b>3.2.1 Características culturais e rituais .....</b>                                     | <b>20</b> |
| 3.3 População indígena do sertão da Bahia .....  | 23        |
| <b>3.3.1 Características culturais e rituais .....</b>                                     | <b>24</b> |
| 3.4 População indígena do sertão de Sergipe .....  | 25        |
| <b>4 CONCLUSÃO.....</b>  | <b>27</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>28</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

As práticas culturais das comunidades indígenas no Nordeste do Brasil desempenham um papel fundamental na preservação da identidade étnica e cultural desses povos milenares. Ao longo dos séculos essas comunidades desenvolveram uma variedade de rituais que deixam em evidência suas crenças, tradições e relações com o meio ambiente/natureza (Oliveira, 2021).

Neste contexto, o sertão dos estados de Alagoas, Pernambuco, Bahia e Sergipe se destaca como importante território onde esses rituais são mantidos e celebrados até os dias atuais. Nestas regiões, diversas etnias indígenas mantêm vivas suas tradições ancestrais, transmitindo de geração em geração os conhecimentos e rituais que fazem parte de sua identidade cultural (Oliveira, 2022).

Inerente a isso, em uma sociedade imersa no processo de globalização, torna-se evidente a necessidade da conservação dos elementos culturais e, sobretudo, da conservação dos saberes nas comunidades indígenas, haja vista que esse é um dos aspectos importantes na manutenção das relações de pertencimento, e, principalmente do reconhecimento de determinado grupo a seu território.

Nesse sentido, os rituais e práticas culturais das comunidades indígenas no sertão não apenas preservam tradições milenares, mas também fortalecem os laços de identidade e pertencimento desses povos à sua terra e à sua história. Desse modo, ao compreender a cultura como um elemento central na construção da identidade indígena, pode-se então reconhecer a importância de preservar esses rituais como expressões autênticas da diversidade cultural e como pilares fundamentais para a manutenção da identidade étnica desses povos (Gueiros, 2021).

Cada grupo étnico possui seus próprios rituais e cerimônias, que demonstram suas particularidades culturais, históricas e geográficas. Desde o Toré dos Pankararu ao Ouricuri dos Fulni-ô, Tore dos Xokó e outros rituais presentes nas diversas etnias da região, cada prática ritualística é única e carrega consigo uma rica carga simbólica e espiritual (Durazzo; Costa, 2022).

Assim, surgiu então a presente problemática que norteou a pesquisa: Como os rituais indígenas nos estados de Alagoas, Pernambuco, Bahia e Sergipe influenciam na preservação

da identidade étnica e cultural das comunidades indígenas do sertão frente aos desafios da sociedade globalizada?

Dessa forma, o objetivo da pesquisa foi investigar o papel dos rituais indígenas nos estados citados na preservação e promoção da identidade étnica e cultural das comunidades indígenas do sertão. Seguido dos respectivos objetivos específicos: discutir a respeito da identidade ancestral, analisar como os rituais manifestam a cultura e identidade dos povos indígenas, explorar os desafios enfrentados pelas comunidades indígenas na preservação e transmissão de seus rituais tradicionais.

A pesquisa sobre os rituais e identidade indígenas no sertão é justificada pela relevância de compreender e valorizar a diversidade cultural presente nessas regiões. Levando em consideração que as comunidades indígenas desempenham um papel fundamental na preservação da herança cultural e na manutenção das tradições ancestrais, e os rituais representam uma parte essencial desse patrimônio imaterial.

Além disso, a investigação se faz necessária diante dos desafios enfrentados pelas comunidades indígenas, como a perda de territórios, as ameaças à sua identidade. Compreender a importância dos rituais para essas comunidades pode contribuir para a formulação de políticas públicas mais eficazes de proteção e promoção dos direitos indígenas, além de fortalecer a valorização da diversidade cultural brasileira. Além de contribuir para a reflexão sobre as temáticas históricas do sertão de Alagoas (Santana, 2023).

A abordagem metodológica empregada para elaborar este estudo consistiu na revisão bibliográfica, iniciando com a seleção de publicações científicas disponíveis em bases de dados eletrônicas como SciELO e Google Scholar. Após a definição do tema de pesquisa, procedeu-se à problematização do assunto e à delimitação dos objetivos do estudo, seguidos por uma revisão minuciosa da literatura pertinente. Assim, a revisão da literatura abrange uma análise detalhada e uma discussão abrangente dos temas abordados nas publicações, seu objetivo promove uma análise crítica das referências teóricas disponíveis em artigos, livros, dissertações e teses.

Foram adotados critérios específicos para a inclusão de estudos científicos, os quais envolveram a utilização dos descritores: identidade indígena, rituais, ancestralidade, Nordeste, manifestação cultural, em publicações acadêmicas disponíveis entre os anos de 2019 e 2024, desde que acessíveis integralmente. Por outro lado, foram estabelecidos critérios de exclusão para filtrar publicações que não se relacionassem com a temática ou não apresentassem relevância para o estudo em questão.

## **2 Identidade ancestral: Uma reflexão sobre os povos indígenas brasileiros**

Ao discutir os indígenas no contexto brasileiro contemporâneo, estamos, na verdade, imersos em uma narrativa que remonta há milênios, partindo do pressuposto de que, os povos indígenas são os habitantes originários dessas terras que hoje compõem o continente americano, sua presença é testemunha de uma continuidade cultural que transcende milênios e se entrelaça com a própria essência da história do Brasil (Justi; Morais, 2022).

Diante disso, vale ainda salientar que, antes mesmo da chegada dos colonizadores europeus, esses povos já ocupavam e moldavam às terras que conhecemos hoje como Brasil, com raízes e uma conexão intrínseca com o ambiente/natureza, eles desenvolveram sociedades, sistemas econômicos, estruturas políticas e formas de expressão cultural únicas, suas tradições e modos de vida refletem uma história de adaptação e integração harmoniosa com a natureza (Gomes *et al.*, 2022).

Concomitante a isso, é viável aludir que com a invasão europeia no século XVI foi introduzida uma era de significativa transformação para os povos indígenas. Neste ínterim, ficou então perceptível que colonização, exploração e conflitos marcaram esse período, resultando em mudanças nas estruturas sociais e culturais indígenas. Além disso, notou-se que a preservação de suas identidades tornou-se uma batalha constante contra as pressões externas, e muitos grupos foram marginalizados, deslocados ou forçados a assimilar elementos da cultura europeia (Justi; Morais, 2022).

Em 1986, as Nações Unidas publicaram uma nota técnica que conceituava os povos indígenas, e foram determinados alguns critérios que eram imprescindíveis para a continuidade histórica desses povos, a autodefinição, bem como a conservação e, atrelado a isso, o desenvolvimento de seus respectivos territórios e identidade étnicas (Nações Unidas, 1976).

O primeiro aspecto pertinente desta definição destaca a continuidade histórica das sociedades indígenas, elas são identificadas como aquelas que remontam a períodos anteriores à invasão e colonização europeia, mantendo e desenvolvendo suas tradições em seus próprios territórios, de tal forma que, se reconhece a antiguidade e a riqueza das culturas indígenas, fundamentais para a compreensão de sua identidade. Segundo Valverde:

Entre os povos indígenas existem alguns critérios de autodefinição mais aceitos, embora não sejam únicos e nem excludentes: Continuidade histórica com sociedades pré-coloniais. Estreita vinculação com o território. Sistemas sociais, econômicos e

políticos bem definidos. Língua, cultura e crenças definidas. Identificar-se como diferente da sociedade nacional. Vinculação ou articulação com a rede global dos povos indígenas (Ricardo Valverde. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/glossario-de-termos-indigenas>).

Dito isso, conforme já delineado, a continuidade histórica emerge como sendo um dos aspectos fundamentais no que diz respeito a autodefinição indígena, assim, a preservação de práticas, tradições e conhecimentos transmitidos ao longo das gerações é essencial para reforçar essa continuidade e, sobretudo, garantir que seja, de fato, assegurada a identidade indígena (Justi; Morais, 2022).

Arelado a isso, ficou ainda notório que a relação estreita com o território é um dos principais pontos relacionados ao povo indígena, isso implica dizer que os indígenas têm uma relação de proximidade extremamente forte, de tal forma que esse contato com a terra ancestral vai além de uma mera delimitação geográfica; é uma parte de suas vidas, práticas espirituais e sistemas de subsistência. Dessa forma, esse elo territorial fortalece a autodefinição, proporcionando uma base física e simbólica para a identidade indígena.

Como citado antes, a autodefinição indígena é enraizada em sistemas sociais, econômicos e políticos distintos, estas estruturas refletem não apenas uma organização social interna, mas também uma adaptação às condições ambientais e à preservação da autonomia, a coesão desses sistemas contribui para a identidade única de cada povo indígena (Gomes *et al.*, 2022).

Inerente a isso, outra caracterização é que os povos indígenas apresentam cultura, língua e crenças próprias, sendo assim, a preservação e prática da língua nativa, rituais culturais e crenças espirituais são elementos que distinguem os povos indígenas, estes são pilares fundamentais que sustentam a coesão interna e a identidade cultural (Apurinã, 2020).

Paralelo a isso, tem-se ainda a necessidade do critério de identificação consciente como diferente da sociedade nacional, sendo esse, indubitavelmente, importante, pois é preciso considerar que essa diferenciação destaca não apenas as diferenças culturais, mas também as tentativas de preservar uma identidade única em face das influências externas e assimilação (Santos; Garcia, 2023).

Por fim, o último critério considerado por Gersem (2006) foi a vinculação ou articulação com a rede global dos povos indígenas, critério este que sublinha a consciência da interconexão entre as comunidades indígenas em nível mundial, mediante isso, considera-se então que, a colaboração, troca de experiências e defesa de direitos comuns contribuem para uma autodefinição que ultrapassa fronteiras nacionais.

Antes da chegada de Pedro Álvares Cabral ao que agora é conhecido como Brasil em 1500, a região abrigava uma população indígena diversificada. Assim, salienta-se que estimativas demográficas sugerem que, naquele momento da história do atual Brasil, a terra era habitada por pelo menos 5 milhões de indígenas, representando uma sociedade complexa sob a perspectiva histórica (Andrade Júnior; Barcellos, 2023).

Ao entender o cenário demográfico prévio à chegada dos colonizadores, torna-se evidente que a chegada de Pedro Álvares Cabral em 1500 representou um ponto de virada significativo, as interações entre os colonizadores europeus e as comunidades indígenas não apenas alteraram a dinâmica demográfica, mas também desencadearam transformações socioeconômicas, culturais e políticas que reverberam na história do Brasil até os dias de hoje (Andrade Júnior; Barcellos, 2023).

Hoje, a população indígena no Brasil segundo o levantamento mais recente, realizado em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou uma população indígena de 1.652.876 indivíduos. Os indígenas correspondem a 0,8% da população total brasileira, o Norte do Brasil emerge como a região que concentra a maior proporção de indígenas, representando 45% do total. O estado do Amazonas se destaca nesse cenário, abrigando uma população expressiva de 490,9 mil indígenas, o equivalente a 29% do total nacional (IBGE, 2022).

Em seguida, a região Nordeste abriga 31% da população indígena do país. Dentre os estados nordestinos, a Bahia assume um papel de destaque, sendo o segundo estado com a maior população indígena do Brasil, com quase 230 mil indivíduos. Essa concentração ressalta a diversidade cultural e a presença das comunidades indígenas na região, portanto, discutir a respeito da identidade indígena no Brasil faz-se cada vez mais necessário, levando em consideração toda a importância histórica desse povo (IBGE, 2022).

Assim, a identidade ancestral dos povos indígenas é complexa e envolve uma variedade de elementos culturais que se tornam pilares fundamentais para a preservação e perpetuação dessa rica herança. Elementos como a transmissão oral de conhecimentos, práticas tradicionais, língua, música, dança, espiritualidade, relação com a natureza, tudo isso compõe o amplo espectro da identidade indígena brasileira (Andrade Júnior; Barcellos, 2023).

Concomitante a isso, como se sabe, a transmissão oral de conhecimentos é uma tradição ancestral que está intimamente ligada à identidade indígena. Dessa forma, histórias, mitos, rituais e práticas são passados de geração para geração por meio da oralidade, garantindo a continuidade e a preservação dos valores culturais fundamentais (Justi; Morais, 2022).

Para além disso, as práticas tradicionais e rituais desempenham, de maneira inegável, um papel central na expressão e reafirmação da identidade indígena, cerimônias, festivais e rituais conectam as comunidades aos seus ancestrais, fortalecendo os laços culturais e espirituais que definem sua identidade. Correlacionado a isso, é perceptível ainda que a música e a dança no contexto indígena são expressões artísticas que não apenas contam histórias, mas também celebram a diversidade cultural, proporcionando uma expressão tangível da identidade indígena (Guerreiro, 2015).

Evidentemente, a espiritualidade também é intrínseca à identidade indígena, fundamentada na relação reverente com a natureza, a conexão espiritual com a terra, as águas e os elementos naturais não apenas guias as práticas cotidianas, mas também moldam a visão de mundo e a compreensão do papel dessas comunidades no cosmos. Para tanto, é pertinente trazer uma abordagem desses aspectos, sobretudo dos rituais realizados tradicionalmente por esse povo, como meio viável de fomentar e ressaltar ainda mais sua identidade.

### 2.1 Rituais como forma de expressão da identidade indígena: Uma discussão

A etimologia da palavra "rito," proveniente do latim *ritus* (que quer dizer ordem estabelecida) ou do grego *artus* (que está ligada a adaptar, harmonia, junção), traz consigo a ideia de uma ordem ritualizada que harmoniza as partes com o todo, conforme aponta Vilhena (2005). Para esse autor, o rito transcende as simples ações e palavras, sendo um reflexo do ritmo da vida, uma celebração da harmonia entre as diversas partes que compõem a existência (Wunder; Narita, 2018).

Conforme a visão de Vilhena é crucial ressaltar a distinção entre os termos "rito" e "ritual". Sob essa perspectiva, o "rito" é concebido como a prática celebrativa que engloba diversos rituais religiosos, manifestando-se como uma sequência de gestos, ações, bem como palavras significativas. Em sua essência, o rito representa uma expressão ritualizada mais abrangente, incorporando múltiplas dimensões simbólicas e práticas cerimoniais.

O rito marca ritmicamente o dia-a-dia, os tempos, as estações, os lugares, cada pessoa. Assim, dentro de uma cultura determinada, cria um campo simbólico que possibilita fomentar valores e estabelecer relações. O rito tem como finalidade estabelecer o ser humano ou a comunidade no seu habitat, na sua práxis, possibilitando encontrar-se, criar e recriar seus costumes, paixões, hábitos, valores. O rito atualiza e faz reviver a tradição indígena porque contempla toda a realidade da etnia (Barcellos, 2012, p. 50-51).

Em contrapartida, o "ritual" é compreendido como a maneira específica pela qual o rito é efetivamente praticado. Em outras palavras, enquanto o rito engloba um conjunto mais

amplo de ações e significados, o ritual é a forma particular, o modo singular de realização desse rito. Assim, o rito é a celebração mais abstrata e abrangente, enquanto o ritual oferece uma concretização específica e tangível desse processo ritualístico (Andrade, 2020).

Ao abordarmos o contexto dos ritos, defrontamo-nos com uma indagação central que requer análise aprofundada: a sua conceituação. Nesse contexto, emergem inúmeras questões que, exploradas, conduzem-nos a uma compreensão mais profunda do que, de fato, vem a ser um rito e o que ele, antes de tudo, representa, tanto no que tange aos seus aspectos antropológicos quanto também sob uma perspectiva social (Amaral *et al.*, 2023).

Concomitante a isso, os ritos ligados aos mitos permeiam a condição humana, enquadrando-se entre duas inevitabilidades: a necessidade de existir e a faculdade de pensar. Dentro dessa dicotomia fundamental, os ritos se inserem na esfera do viver, desempenhando um papel crucial na experiência humana ao conectar-se aos ritmos da vida e à expressão simbólica que transcende o cotidiano (Andrade, 2020).

No contexto indígena, a compreensão de rituais ganha nuances especiais. Conforme delineado por Melatti (1981), a definição de um rito assume várias facetas, indo além das concepções convencionais. Sob essa perspectiva, mesmo as atividades cotidianas mais simples, como o ato de comer, podem ser encaradas como práticas dotadas de simbolismos que desencadeiam a emergência de um ritual. Melatti (1972) destaca essa interpretação ao ressaltar que, para as comunidades indígenas, cada ação, mesmo aquelas rotineiras, está impregnada de significados simbólicos importantes para esse povo.

Dessa forma, para o povo indígena, os ritos são vistos como um modo de expressar a espiritualidade, a cultura e a conexão com o mundo natural. Eles desempenham um papel fundamental na religiosidade e são transmitidos através das gerações como forma de preservar a história e os valores do povo. Sobre o assunto, Marconi e Pesotto (2010, p.151-152) traz uma contextualização importante, destacando o seguinte:

[...] manifestação dos sentimentos por um ou vários indivíduos, em qualquer meio, através da ação. Embora de caráter religioso ou mágico, não é tão persistente quanto o culto. Consiste em um tipo de atividade padronizada, em que todos agem mais ou menos do mesmo modo, e que se volta para um ou vários deuses, para seres espirituais ou forças sobre-naturais, com uma finalidade qualquer. O ritual apresenta um comportamento tradicional e revela, implícita ou explicitamente, crenças, idéias, atitudes e sentimentos das pessoas que o praticam. Em todas as sociedades ágrafas ou de tecnologia simples, há sempre um conjunto de crenças relacionadas com diferentes práticas rituais que varia de uma cultura para outra. Uma cerimônia religiosa pode abranger, ao mesmo tempo, vários rituais, relacionados entre si (Marconi; Pesotto, 2010, p. 151-152).

No contexto das comunidades indígenas, a presença constante do ritual molda integralmente as experiências de vida, desde o nascimento até mesmo o último suspiro desses

povos. Este fenômeno revela-se como um amontoado de práticas cerimoniais que permeiam e orientam a existência dos indígenas, tornando-se um elemento imprescindível da esfera cultural que define a maneira como vivem.

Os indígenas encontram-se imersos em ritos que não apenas testemunham, mas também moldam sua jornada. Esses rituais, impregnados de simbolismos profundos, transcendem a mera execução de ações cerimoniais; eles constituem as bases que delinham a vida de um indígena e estabelecem a hierarquia que o posiciona dentro de sua comunidade (Wunder; Narita, 2018; Leal *et al.*, 2021).

A observação dessas práticas rituais permite discernir não apenas a riqueza simbólica intrínseca a cada cerimônia, mas também a forma como tais rituais desempenham um papel essencial na construção da identidade individual e coletiva. Cada gesto, cântico, e elemento simbólico incorporado a esses rituais reflete uma tradição transmitida ao longo das gerações, conferindo uma continuidade cultural que transcende o tempo (Wunder; Narita, 2018).

Esses rituais indígenas não são meramente cerimônias formais; eles incorporam aspectos fundamentais da vida cotidiana, como a busca por cura do corpo, a proteção contra maus espíritos e a busca pela ordem e movimento na comunidade. Cada rito desempenha um papel único na conexão entre os indivíduos, a natureza e o sobrenatural, reforçando vínculos com a tradição, a espiritualidade e o ciclo natural (Andrade Júnior; Barcellos, 2023).

A presença de rituais associados a diferentes atividades, como caça, colheita e pesca, sugere uma interligação entre as práticas cerimoniais e as atividades cotidianas dos indígenas, essa interconexão ressalta a integralidade dos rituais na vida dessas comunidades, mostrando que tais práticas não são eventos isolados, mas sim expressões vívidas e contínuas da cosmovisão e das necessidades práticas das comunidades indígenas.

### **3 Histórico das populações indígenas no sertão do São Francisco e seus rituais**

A região Nordeste do Brasil é um espaço de grande diversidade étnica e cultural, abrigando uma notável variedade de grupos indígenas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região é constituída por pouco mais de cinquenta e sete grupos indígenas, distribuídos por todos os nove estados que a compõem (Silva *et al.*, 2023).

Entre esses grupos, destacam-se os Potiguara, Pataxós e Xucurus, que possuem presença em mais de um estado nordestino, evidenciando a complexidade e interconexão dessas comunidades. Por exemplo, os Potiguara estão presentes em três comunidades na

Paraíba e quatro no Ceará, enquanto os Pataxós têm cinco comunidades na Bahia e uma na Paraíba. Além disso, há grupos como os Xucurús do Ororubá em Pernambuco e os Xucurús-Cariris em Alagoas, demonstrando a dispersão geográfica dessas populações (Amorim, 2020).

Mas, é importante mencionar que, quase sempre o Nordeste foi marcado por uma grande invisibilidade indígena, ao longo dos anos, a narrativa predominante sobre o Nordeste tendeu a ignorar ou minimizar a presença e as contribuições dos povos originários, favorecendo uma visão estereotipada e limitada da região.

### 3.1 População indígena no sertão de Alagoas

Conforme os dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é estimado que Alagoas abrigue 14.509 indígenas autodeclarados, dos quais 4.486 residem em terras indígenas, enquanto 10.023 estão fora delas. No entanto, quando incluímos todas as pessoas que se consideram indígenas, independentemente de terem se autodeclarado como tal, esse número aumenta para 16.291. Destes, 6.268 estão registrados como habitantes de terras indígenas (Pereira *et al.*, 2023).

Esses números deixam em evidência a diversidade e a presença significativa das comunidades indígenas em Alagoas, tanto dentro como fora das áreas demarcadas, evidenciando a importância de se considerar a totalidade da população indígena ao analisar questões relacionadas à identidade e aos direitos desses grupos no estado (Damasco; Antunes; Azevedo, 2020).

A prática da narrativa oral continuou a ser mantida e apreciada dentro das comunidades indígenas estudadas, permanecendo relevante até os dias atuais. No entanto, uma mudança foi observada, com membros da aldeia, que possuem formação acadêmica em nível superior, dedicando-se a documentar as trajetórias e a história de seu povo (Damasco; Antunes; Azevedo, 2020).

O objetivo dessa iniciativa não se limita apenas à preservação da herança cultural e dos conhecimentos ancestrais, mas também à sua partilha com o mundo exterior, oferecendo uma visão autêntica e precisa da cultura e história dos povos indígenas de Alagoas. esses registros escritos, produzidos pelos próprios membros da comunidade, representam uma ferramenta fundamental para promover a auto-representação e o empoderamento desses povos, ao mesmo tempo em que contribuem para a valorização e preservação de sua identidade cultural distinta. Vale então conhecer as características culturais e, sobretudo, como são realizados os rituais religiosos entre esses povos.

### 3.1.1 Características culturais e rituais

A população indígena dessa região se organiza principalmente em torno de duas práticas religiosas fundamentais: o ritual Ouricuri e o ritual de devoção aos Praiás. Ambos os rituais são ligados a sistemas religiosos que reverenciam entidades, comumente conhecidas como "Encantados". No contexto do ritual Ouricuri, além dessa adoração aos Encantados, observa-se também a prática de culto à "Jurema Sagrada" e à "Jurema de Caboclo", essas entidades e rituais ocupam um lugar central na espiritualidade e na vida cultural dessas comunidades indígenas, fornecendo uma base para suas crenças e práticas religiosas, bem como orientando suas relações com o sagrado e o divino (Amorim, 2020).

O Ouricuri e a devoção aos Praiás representam não apenas expressões religiosas, mas também formas de preservação e transmissão das tradições ancestrais desses povos. Por meio desses rituais, são transmitidos conhecimentos e valores fundamentais que permeiam a identidade coletiva dessas comunidades (Santos; Bezerra, 2020).

Não obstante, vale discutir ainda que um elemento religioso da cultura dos povos indígenas do Nordeste é o Toré, uma dança ritual compartilhada por todas as etnias da região, esse ritual assume papel de relevância nas crenças das comunidades indígenas em Alagoas, juntamente com o Ouricuri, o Praiá e a Jurema, os quais fornecem os fundamentos filosóficos, éticos e morais desses povos (Damasco; Antunes; Azevedo, 2020).

Nas crenças dos povos indígenas do Alagoas, o Praiá, considerado um "Encantado", é concebido como uma entidade viva e eterna, que transcende a morte física e se perpetua na natureza de renascimento, essa crença forma um território religioso de incorporação e, sobretudo, reintegração ao sagrado, que dá aos povos dessas comunidades sentido a vida, e a religiosidade (Santos; Bezerra, 2020).

O Ouricuri, em particular, está associado a um espaço sagrado delimitado dentro de cada aldeia ou área indígena, comumente praticado entre os Fulni-ô de Águas Belas, Pernambuco; Wassu-Cocal, Xucuru-Kariri, Kariri-Xocó, Alagoas, e outras comunidades do Nordeste, esse espaço é reservado exclusivamente para a presença e permanência de indivíduos indígenas iniciados, que não apenas possuem conhecimentos religiosos, mas também têm uma profunda ligação identitária e étnica com sua comunidade.

O Ouricuri é como uma extensão do terreiro indígena, espaço ritual de dança, sociabilização e manifestações de crenças. Ressignificado, infinitamente, como espaço étnico e territorial sacralizado, o Ouricuri, assim como todos os terreiros indígenas, é um espaço sagrado cujo fim derradeiro é o cumprimento coletivo de

rituais étnicos e religiosos, culminância de um processo passível de se manifestar unicamente neste espaço de forma coletiva (Amorim, 2020, p. 11).

É nesse contexto que as comunidades indígenas se reúnem para celebrar suas tradições, fortalecer seus laços culturais e espirituais, e perpetuar sua identidade étnica, de tal maneira que se torna percepto que esses rituais, de fato, afirmam a conexão das comunidades com suas raízes ancestrais, e também reforçam sua resistência frente às adversidades históricas e contemporâneas que esses povos são muitas vezes submetidos (Damasco; Antunes; Azevedo, 2020).

No geral, infere-se ressaltar então que, o poró, terreiro indígena, Ouricuri e casa dos homens sagrados foram maneiras viáveis que os indígenas encontraram de manifestar seus aspectos culturais e religiosos, onde eles conseguem se conectar de maneira mais efetiva com sua ancestralidade (Oliveira, 2020).

No universo mítico dos indígenas do Nordeste, os Encantados desempenham um papel essencial, estando presentes em diversas dimensões sagradas que permeiam a vida desses povos, esses seres, muitas vezes personificados como os Caboclos Velhos, são entendidos como entidades que se encantaram e passaram a ocupar diferentes esferas, incluindo o reino vegetal, animal e aquático, especialmente associados às águas doces, como rios e cachoeiras. Dentro da cosmovisão indígena, os Encantados representam aspectos fundamentais da evolução espiritual e das experiências humanas, exercendo influência sobre as diferentes etnias, seus indivíduos e instituições.

[...] Em alguns momentos, os índios se referem ao Praiá como um encantado, um espírito; em outros, pode significar uma vestimenta, ou uma pessoa que representa o Praiá naquela comunidade. É ela quem usa a vestimenta. Não há palavras que possam explicar com maior precisão o que é um Praiá, porque o significado completo está imerso na cultura indígena, a cuja existência não é dada explicação (Ferreira *et al.*, 2009, p.66).

No contexto ritualístico, os Praiás, como manifestações dos Encantados, desempenham um papel central em práticas como o Toré e o Serviço de Chão ou de Mesa, esses rituais servem como espaços para consultas, busca de conselhos e curas, sendo o Pajé o mediador entre os Encantados e os membros da comunidade.

[...] o Praiá possui uma dimensão da fortaleza do povo Jiripancó; faz uma interligação entre o mundo real e o sobrenatural, representa a simbologia máxima da existência indígena. Mesmo os índios que não frequentam os rituais respeitam e “obedecem” às decisões tomadas por aqueles que vivenciam essas práticas [...]” (Ferreira *et al.*, 2009, p. 67).

Essas formas de comunicação possibilitam a interação direta entre os indígenas e o mundo espiritual, enraizando ainda mais suas práticas religiosas e culturais na cosmovisão tradicional desses povos, essa relação íntima e sagrada com os Encantados é parte integrante da identidade e da vida espiritual das comunidades indígenas do estado do Alagoas.

### 3.2 População indígena do sertão de Pernambuco

Em Pernambuco, é possível denotar uma vasta população indígena que constitui o território, com pouco mais de 38.000 índios, dos respectivos povos: Pankará (Carnaubeira da Penha), Xukuru do Ororubá (Pesqueira), Fulni-ô (Águas Belas), Pankauiká (Jatobá), Atikum (Carnaubeira da Penha e Floresta), Kapinawá (Ibimirim), Truká (Cabrobó), Pipipã (Floresta), Pankararu (Tacaratu), Kambiwá (Ibimirim) e Tuxá (Inajá) (Silva; Souza; Rufino, 2018).

Em uma análise histórica, é possível evidenciar que por muitos anos essas comunidades indígenas foram perseguidas e discriminadas, sendo, em muitos casos, expulsas de seus próprios territórios que seriam seus por direito. Inerente a isso, devido as muitas violências que vinham sido vivenciadas por esses povos, ficou então notório que muitos deles se dispersaram, buscando lugares distantes em que eles estivessem seguros e, sobretudo, isentos de tamanha perseguição (Damasco; Antunes; Azevedo, 2020).

Enquanto que muitos outros estiveram submetidos ao trabalho nos engenhos, ou em muitas fazendas do Pernambuco. Durante essa época, as manifestações culturais e a prática de rituais desses povos eram duramente reprimidas, uma vez que a sociedade caracterizava como sendo algo demoníaco e que atraía apenas coisas ruins, emerge então a necessidade de discutir a respeito dos aspectos culturais dos indígenas que coabitavam no Pernambuco.

#### 3.2.1 Características culturais e rituais

Ao adentrar no estudo das expressões e práticas culturais dos povos indígenas, é perceptível que somos imersos em um universo rico e demasiadamente diversificado, onde cada comunidade apresenta seus próprios ritos e cerimônias que dão ênfase as suas próprias tradições ancestrais e sua relação única com o ambiente natural (Melo, 2021).

Esses rituais variam significativamente entre os diferentes grupos indígenas, assim como em comparação com as práticas culturais não indígenas. No entanto, mesmo diante dessa diversidade, é possível identificar certos elementos comuns que atravessam diversas

comunidades indígenas em Pernambuco, contribuindo para a compreensão mais ampla de sua cultura e identidade (Silva; Souza; Rufino, 2018).

Em Pernambuco, o Toré emerge como um símbolo marcante da identidade dos povos indígenas, esta dança coletiva, praticada por várias etnias na região nordestina, é um dos principais elementos das práticas culturais desses povos, sendo este realizado nos "Terreiros" localizados nas aldeias, o Toré é considerado uma tradição transmitida pelos antepassados, carregando consigo o peso da história e da herança cultural dos indígenas.

Quando os próprios grupos indígenas se referem ao Toré como uma "tradição", estão destacando sua importância como uma expressão duradoura da identidade indígena, reforçando assim sua conexão com suas raízes e sua resistência cultural ao longo do tempo (Codiceira; Jesus; Paulino, 2023).

Desse modo, dançar o Toré não apenas proporciona um momento de reunião e celebração festiva entre os indígenas, mas também representa a continuidade de rituais ancestrais, reafirmando, por meio dessa prática cultural, a identidade e os direitos territoriais dos povos indígenas. A realização do Toré implica na congregação das comunidades indígenas, servindo como uma expressão vívida de sua identidade e cultura únicas (Melo, 2021).

As performances do Toré trazem, imbricados, os elementos diferenciadores da identidade étnica, informações quanto à reelaboração da cultura, a relação com o passado e é a linguagem que comunica a existência de uma nova unidade social possuidora de seus mecanismos de controle (Arcanjo, 2007, p.68).

No entanto, essa manifestação ritual foi alvo de perseguição e proibição por parte dos fazendeiros que se apropriaram das terras tradicionalmente ocupadas pelos indígenas, essa repressão demonstra a tentativa de negar não apenas a prática cultural do Toré, mas também a própria existência e reivindicações territoriais dos povos indígenas, refletindo um contexto de conflito e injustiça histórica (Silva; Souza; Rufino, 2018).

Para os Xukuru do Ororubá, o ato de dançar o Toré transcende o simples aspecto cultural, sendo também uma ferramenta importante para reafirmar os laços de sociais e afetivos dentro da comunidade, representando não apenas uma tradição cultural, mas também uma forma de resistência e reivindicação, especialmente em relação às terras do antigo aldeamento onde os Xukuru do Ororubá habitavam. Nesse contexto, o Toré torna-se um símbolo de resiliência e luta pela preservação da identidade étnica e dos vínculos ancestrais com a terra, enfrentando desafios históricos de marginalização (SILVA, 2019).

Outro ritual bastante praticado pelas comunidades indígenas de Pernambuco e que representam ponto importante da sua identidade cultural é a jurema sagrada, onde a Jurema caracteriza-se como sendo uma bebida usada nos rituais fundamental para os povos indígenas em Pernambuco e no Nordeste, é elaborada a partir das cascas do caule ou das raízes da juremeira, conhecida como "da Jurema" pelos próprios indígenas (Silva; Souza; Rufino, 2018).

Essa planta, também chamada de "Jurema preta" ou "Jurema de caboclo" em sua variante espinhosa, e "Jurema branca", com flores brancas, é presente nos rituais por sua conexão espiritual, a Jurema é consumida durante cerimônias como o Toré e o Ouricuri, sendo sua ingestão restrita principalmente aos índios, ocorrendo longe dos olhares dos não-índios (Souza, 2022).

Essa bebida possui uma significância transcendental, possibilitando a comunicação com os encantados e o universo mítico indígena, tanto a Jurema quanto os rituais em que é utilizada, como o Toré, representam elementos importantes na construção da identidade cultural e na afirmação étnica dos povos indígenas na região, destacando-se como símbolos constitutivos de sua herança cultural e espiritual (Oliveira, 2022).

Outro ritual das comunidades indígenas em Pernambuco é o Ouricuri, um ritual que apresenta grande semelhança a um retiro religioso, sendo realizado tanto individualmente quanto coletivamente por diversas etnias indígenas na região. A duração do ritual varia entre os grupos, mas é sempre realizado em áreas de mata, longe do alcance dos não-índios, localizadas no interior das terras indígenas (Melo, 2021).

O ritual do Ouricuri entre os Fulni-ô, localizados em Águas Belas/PE, é realizado anualmente durante os meses de setembro a novembro. Durante esse período, os indígenas deixam suas moradias e se deslocam para o interior da área indígena, a aproximadamente 5 km de distância, onde está situada uma "outra aldeia" denominada "Ouricuri". A participação nesse ritual é considerada fundamental para o senso de pertencimento e identidade como Fulni-ô. Mesmo aqueles indígenas que residem em outras cidades ou estados fazem questão de retornar anualmente para participar do Ouricuri (Melo, 2021).

O Ouricuri envolve rituais sagrados que, assim como a língua yatê (sendo os Fulni-ô o único povo indígena bilíngue no Nordeste, excetuando o Maranhão), são estritamente reservados aos indígenas e não podem ser compartilhados ou discutidos com não-índios. Esses rituais sagrados são considerados símbolos essenciais de identidade e afirmação cultural específica do povo Fulni-ô, constituindo-se como sinais diacríticos que demarcam sua singularidade e conexão com suas tradições ancestrais (Souza, 2022).

Além desses, é realizado o ritual Praiás do mundo encantado Pankararu, os Praiás referem-se a uma vestimenta que cobre todo o corpo, desde a cabeça até os pés, feita com fibra de caroá, esta vestimenta está associada a práticas culturais e rituais específicos, como a "Dança do Praiá", que é uma manifestação dos "Encantados" dentro das comunidades indígenas da família Pankararu. Esses grupos indígenas atualmente residem no sertão, entre as fronteiras de Pernambuco, Alagoas e Bahia. O Praiá tem uma importante representação para os povos indígenas, sendo o seu mestre-guia, fazendo parte de praticamente todos os processos de tomada de decisões dos indígenas (Silva, 2019).

Por fim, tem-se o ritual da "mesa da Jurema", também conhecida como "Particular", é uma prática central na religião do povo Truká, onde são transmitidos e celebrados conhecimentos ancestrais reservados exclusivamente para os membros da comunidade Truká. Durante esse ritual, os participantes se reúnem em torno de uma mesa sagrada, onde são compartilhados e revelados ensinamentos transmitidos pelos antepassados ao longo das gerações (Silva, 2023).

Nessa mesa, os Truká se conectam com seus antepassados e com o mundo espiritual, buscando orientação, cura e sabedoria, os conhecimentos transmitidos durante o ritual podem abordar uma variedade de temas, desde práticas de cura e medicina tradicional até orientações sobre o modo de vida, relações sociais e conexão com a natureza (Silva; Souza; Rufino, 2018).

A mesa da Jurema é considerada um espaço sagrado e privilegiado, onde os Truká fortalecem sua identidade cultural, reforçam seus laços comunitários e mantêm viva a tradição de seus antepassados. É um momento de profundo respeito, reverência e comunhão com os ensinamentos transmitidos pelas gerações passadas, e representa um importante aspecto da espiritualidade e da vida religiosa do povo Truká (Salvodi; Grunewald, 2020).

Desde o Toré, que simboliza a resistência e afirmação étnica, até a Jurema, uma bebida ritual para a comunicação com os encantados, esses rituais desempenham um papel de grande relevância na vida e na cultura dos indígenas pernambucanos. Mas, não restringindo-se somente a isso, faz-se também pertinente discutir aspectos intimamente relacionados aos rituais realizados pelas comunidades indígenas do estado da Bahia (Melo, 2021).

### 3.3 População indígena do sertão da Bahia

Na Bahia, ocorre uma elevada diversidade de comunidades indígenas que ocuparam historicamente esse estado, essa diversidade evidencia de maneira direta a complexidade

cultural e étnica que caracterizava o território baiano. Os registros de Curt Nimuendajú destacam a existência de mais de 50 sociedades indígenas distintas e pelo menos 9 etnias diferentes na região em tempos passados (Guimarães *et al.*, 2022).

Mesmo nos dias atuais, essa diversidade étnica persiste, conforme identificado pelo Instituto Socioambiental (ISA), que reconheceu a presença de 14 povos indígenas no estado. Estes incluem os Atikum, Kaimbé, Kantaruré, Kiriri, Pankaru, Pankararé, Pataxó, Pataxó Hã-hahãe, Payayá, Truká, Tumbalalá, Tupinambá, Tuxá e Xukuru-Kariri. Cada uma desses povos contribui para a riqueza cultural e étnica da Bahia, com suas próprias tradições, línguas e modos de vida, enriquecendo o cenário cultural diversificado do estado (Flexor, 2023).

### 3.3.1 Características culturais e rituais

O povo Pankararé reafirma sua identidade étnica por meio de práticas culturais como o Toré, uma dança que envolve toda a comunidade em um círculo, onde homens, mulheres e crianças se unem para celebrar sua herança. Vale destacar que essa manifestação cultural, além de sua dimensão lúdica, como descrito pelo cacique Afonso, demonstra impactos diretos nos traços identitários ao integrar cantigas tradicionais chamadas Toantes, acompanhadas pelo som dos maracás (Silva, 2010).

O Toré não precisa de uma ocasião especial para acontecer, sendo uma expressão viva do cotidiano dos Pankararé. Assim, destaca-se então que, a duração do ritual pode se estender por toda a noite, atravessando até o amanhecer, dependendo da energia e participação da comunidade, demonstrando a essência da vida comunitária Pankararé, na qual o tempo e o espaço se moldam às necessidades e aos desejos de preservação e celebração de sua cultura. Mais que uma dança, o Toré é um elo vivo que conecta o presente à ancestralidade, perpetuando as tradições e reforçando os laços entre os membros da comunidade (Silva, 2010).

Além disso, a prática do Toré é uma forma de resistência cultural, reafirmando a presença e a continuidade da identidade Pankararé frente às influências externas. Assim, é perceptível que a simplicidade da brincadeira, como o cacique a descreve, não diminui sua importância: ao contrário, ela amplia sua acessibilidade, tornando-a uma parte importante do cotidiano e da expressão de quem os Pankararé são, sem a necessidade de formalidades (Silva, 2010).

Tem-se ainda a Dança dos Praiás, a qual é realizada pelo povo Pankararé, sendo caracterizada como uma cerimônia de grande simbolismo, na qual os homens adentram o

terreiro vestidos com trajes especiais, cuidadosamente preparados e defumados com alecrim. Ressalta-se que, esse processo de preparação das roupas se trata tanto de uma questão estética, mas não se limita a isso, pois também envolve um respeito pelas tradições espirituais e culturais da comunidade (Silva, 2010).

Dito isto, a defumação com alecrim simboliza a purificação e a conexão com os elementos naturais, reforçando o vínculo dos Pankararé com a natureza e os encantados, seres espirituais que possuem relevância em sua cosmologia.

Antes de iniciarem a dança, é necessário que os participantes peçam licença aos encantados, que são considerados os guardiões daquelas vestimentas. Os encantados, por sua vez, são vistos como seres que detêm poder sobre elementos do cotidiano e da cultura, incluindo as roupas usadas no ritual. Ao solicitar permissão, os dançarinos reconhecem e reafirmam a influência e proteção dos encantados sobre a comunidade, em uma troca que fortalece sua identidade e espiritualidade (Silva, 2010).

Com isso, pode-se destacar o caráter sincrético-religioso que tais festejos possuem necessitando serem estudados com maior detalhe. Observa-se nestes eventos influência de diversas matrizes religiosas o que pode levarnos a inferir que os contatos estabelecidos com outros grupos étnicos brancos, negros e índios possibilitou a inserção de vários elementos nas tradições Pankararé (Silva, 2010, p. 06).

Esses rituais, como o Toré e a Dança dos Praiás, além de representarem a tradição indígena, incorporam influências de outras religiões e culturas, demonstrando a capacidade dos Pankararé de preservar sua essência cultural ao mesmo tempo em que absorvem novas práticas espirituais.

### 3.4 População indígena do sertão de Sergipe

O povo Xokó, localizado na Ilha de São Pedro, em Sergipe, construiu uma rica trajetória de resistência e luta pela terra, apresentando uma íntima relação com o território, e, sem dúvidas, a reconquista da terra é um elemento muito importante quando se discute a respeito da identidade étnica desse povo. Dito isto, o evento que marca essa reconquista é a Festa da Retomada, realizada anualmente no dia 9 de setembro, data simbólica que celebra a vitória pela recuperação da Ilha e da Caiçara. A terra é mais do que um espaço físico; é um símbolo de pertencimento e um vínculo com os ancestrais que motiva a comunidade a manter viva a memória de suas lutas (Queiroz, 2020).

A linha do tempo das "idas e vindas" dos Xokó é marcada por tentativas constantes de recuperação de suas terras. Desde o século XIX, o povo Xokó enfrentou diversas disputas legais, perseguições e expropriações. No entanto, o marco mais significativo foi em 1979, quando a comunidade finalmente recuperou a posse da Ilha de São Pedro. Essa conquista, resultado de anos de resistência e organização, é lembrada e reafirmada na Festa da Retomada, momento em que o passado e o presente se unem para celebrar a vitória e a continuidade da cultura Xokó (Queiroz, 2020).

Um dos elementos principais da Festa da Retomada é o Ritual do Ouricuri, um momento de espiritualidade e reconexão com os ancestrais, sendo este ritual realizado na mata, onde os Xokó permanecem por três dias e três noites, em um ambiente livre de interferências modernas. Vale destacar que, Ouricuri simboliza tanto a retomada da terra, como também reafirma a autonomia cultural dos Xokó, permitindo que eles preservem seus costumes e modos de vida ancestrais, longe das pressões do mundo exterior (Queiroz, 2020).

A Dança do Toré, outro componente da Festa da Retomada, é uma manifestação coletiva de força, resistência e pertencimento. Com pés descalços e movimentos precisos, os Xokó dançam em sincronia ao som do maracá, um chocalho confeccionado pela própria comunidade. Os cantos que acompanham a dança são em parte entoados na língua ancestral, que poucos ainda dominam. A dança reforça a conexão com a terra e os ancestrais, marcando a importância de manter vivos os elementos culturais, mesmo em meio às transformações sociais e políticas (Queiroz, 2020).

A Celebração na Igreja de São Pedro é o terceiro pilar da Festa da Retomada, onde o ritual indígena se funde com a religiosidade cristã. Os Xokó entram na igreja dançando o Toré, acompanhados pelo Bispo da Diocese, em um ato que simboliza a integração de elementos religiosos diversos. Esse sincretismo demonstra então capacidade dos Xokó de incorporar diferentes influências culturais, sem abrir mão de sua identidade indígena. Postto isso, missa festiva é uma forma de reafirmar a espiritualidade do povo, celebrando tanto a fé quanto a cultura indígena (Queiroz, 2020).

Não obstante, é sempre necessário discutir que a reconquista da terra pelos Xokó, em 1979, foi um momento decisivo para a reconstrução de sua identidade enquanto povo indígena. A luta pela terra envolveu o confronto com fazendeiros e autoridades locais, mas também contou com o apoio de instituições religiosas e pesquisadores, que ajudaram a divulgar a causa Xokó. A recuperação da Ilha de São Pedro trouxe de volta o território, e também permitiu que a comunidade revalorizasse suas práticas culturais e espirituais, antes reprimidas ou ameaçadas pela colonização (Queiroz, 2020).

Durante a festa, os Xokó preparam suas vestimentas tradicionais, defumadas com alecrim, e participam ativamente das danças e rituais. O uso de indumentárias especiais e a confecção de artefatos como o maracá são uma forma de materializar a cultura Xokó, reafirmando a importância da transmissão de conhecimentos ancestrais para as novas gerações (Queiroz, 2020).

Esses rituais são momentos de intensa espiritualidade, nos quais a comunidade se reconecta com os encantados, seres espirituais que protegem a terra e guiam as decisões dos Xokó. A cada ano, a Festa da Retomada renova esses laços espirituais, reforçando o papel dos ancestrais e dos encantados na vida cotidiana da comunidade.

#### **4 CONCLUSÃO**

A partir da presente pesquisa, foi possível identificar um rol de aspectos pertinentes relacionados aos rituais e formas de manifestações culturais que representam a identidade das comunidades indígenas que habitam no Nordeste, com destaque para Alagoas, Pernambuco, Bahia e Sergipe.

No âmbito dos principais povos indígenas desses estados, ficou evidente uma variedade de grupos étnicos, cada um com suas próprias tradições e rituais. Em Alagoas, destacam-se os Xucuru-Kariri, os Karuazu e os Wassu-Cocal. Em Pernambuco, além dos Fulni-ô, temos os Pankararu e os Kapinawá, entre outros. Na Bahia, os Pataxó, os Pataxó Hã-hã-hãe e os Tupinambá são algumas das comunidades indígenas presentes. Já em Sergipe, além dos Xokó, encontramos os Kariri-Xocó e os Xukuru-Kariri, entre outros.

Cada um desses povos possui suas próprias práticas rituais, que dão ênfase às suas cosmovisões, relações com a natureza e herança cultural. No entanto, todos compartilham a importância desses rituais como formas de preservar sua identidade étnica, fortalecer seus laços comunitários e manter vivas suas tradições ancestrais.

Entre os rituais mais significativos foi destacado que estão o Toré, o Ouricuri e o Tore, além disso, ficou evidenciado que estes rituais desempenham um papel pertinente na vida e na cultura dessas comunidades, representando não apenas formas de expressão espiritual, mas também formas extremamente pertinentes de identidade étnica e cultural, os quais emergem como formas de promover a conexão desses povos com sua terra, sua história e seus ancestrais.

Ademais, os rituais são espaços de resistência, onde as comunidades reafirmam sua identidade étnica e cultural, em meio a um contexto marcado pela colonização, pela violência e pela perda de terras e tradições, a prática desses rituais é uma forma de manter viva a memória coletiva e de preservar a herança cultural dos povos indígenas.

Em meio aos desafios enfrentados, como o preconceito e a perda de território, esses povos indígenas continuam a lutar pela preservação de suas culturas e pela garantia de seus direitos. Assim, ficou evidente que, através da valorização e do respeito às suas práticas rituais, torna-se então possível contribuir para a construção de um espaço que, entenda cada vez mais a importância desses povos para a história do Brasil. Portanto, ao refletir sobre os principais rituais e identidades indígenas no Nordeste, é essencial reconhecer a importância dessas práticas como elementos fundamentais da dos aspectos culturais do país.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Rafael *et al.* Sob a sombra do cajueiro: mocororó do tremembé, alimentando a tradição e colhendo cultura. **Nutrivisa-Revista de Nutrição e Vigilância em Saúde**, v. 10, n. 1, p. e10876-e10876, 2023.

AMORIM, Siloé Soares. Pajé, encantados e promessas nos entendimentos de práticas religiosas indígenas em Alagoas. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião-UNICAP**, v. 11, n. 26, p. 077-096, 2020.

ANDRADE JÚNIOR, Glício Freire; BARCELLOS, Lusival Antonio. Resistências e religiosidade dos indígenas tabajara da paraíba no século xxi. **Identidade!**, v. 28, n. 2, p. 179-196, 2023.

ANDRADE, Lara Erendira Almeida. Novenas, sambas e torés: rede ritual, tradição de conhecimento e identidade indígena Kapinawá. **[TESTE] Revista Mundaú**, n. 8, p. 139-162, 2020.

APURINÃ, Francisco. Um olhar sobre o cosmos a partir da perspectiva indígena e as consequências da fricção entre os humanos e os não humanos. **Emblemas**, v. 17, n. 01, 2020.

BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. Editora Universitária da UFPB, 2012.

CODICEIRA, Diogo Da Silva; JESUS, Jonas Freitas; PAULINO, Leonardo Lins dos Santos. A conservação das práticas culturais dos índios Fulni-ô como forma de resistência de sua territorialidade sobre os conflitos enfrentados. **Revista Presença Geográfica**, v. 8, n. 2, p. 20-27, 2021.

DAMASCO, Fernando; ANTUNES, Marta; AZEVEDO, Marta. Deslocamentos da população indígena para acesso aos serviços de saúde: elementos para ações emergenciais de enfrentamento à Covid-19. **Revista GEOgraphia**, 2020.

OLIVEIRA, Eraldo Gomes. **O Toré como representação religiosa entre os índios Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE)**. EDITORA OLYVER, 2021.

DURAZZO, Leandro; DA COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira. Línguas indígenas no Nordeste brasileiro: esboço político-linguístico de seus processos de valorização. **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, n. 30, p. 97-118, 2022.

FERREIRA, Gilberto Geraldo *et al.* **A educação dos Jiripancó: uma reflexão sobre a escola diferenciada dos povos indígenas de Alagoas**. Maceió, UFAL, 2009.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Planejamento, história e memória: o caso da Vila de Abrantes-Ba. **Politeia-História e Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 154-167, 2023.

GERSEM, Luciano dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília, DF: MEC: SECAD: LACED/Museu Nacional, 2006.

GOMES, Wenderson de Castro *et al.* **Identidade, manifestação, território: estratégias de lutas e re-existências dos povos indígenas do parque das tribos, Tarumã-Açu em Manaus-AM**. 2022.

GUEIROS, Lucas Emanuel Soares. **SER E VIVER JIRIPANKÓ: identidade, pertencimento e ritual**. EDITORA OLYVER, 2021.

GUERREIRO, Antonio. **Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia Kalapalo e seu ritual mortuário**. Editora da Unicamp, 2015.

GUIMARÃES, Manoel Pereira *et al.* Programa Mais Médicos e as comunidades indígenas do Norte da Bahia: relato de experiência. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 46, n. 1, p. 235-246, 2022.

IBGE. Indígenas. 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102018>. Acesso em: 02 de jan. 2024.

JUSTI, Mirella Martins; DE MORAES, Gustavo Rocha. Povos indígenas, identidade e sobrevivência de culturas ancestrais no Brasil contemporâneo. **Ponto-e-Vírgula**, n. 31, p. e59119-e59119, 2022.

LEAL, Valtecino Eufrásio *et al.* O conceito de cultura na intersecção de debates interdisciplinares: estudo de caso—a Aldeia Tapuia em Rubiataba, GO. **Interações (Campo Grande)**, v. 22, p. 755-771, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. Antropologia: uma introdução. –5 reimpr. **São Paulo: Atlas**, p. 7, 2010.

MELATTI, Julio Cezar. A Etnologia das populações indígenas do Brasil nas duas últimas décadas. **Anuário Antropológico**, v. 5, n. 1, p. 253-275, 1981.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. Brasília: Editora de Brasília, 1972.

MELO, Constantino José Bezerra. O Terreiro De Ritual Sagrado Da Boa Vista E Suas Práticas Híbridas E Plurais Na Religião Indígena Do Povo Xukuru Do Ororubá. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião-UNICAP**, v. 12, n. 29, p. 199-211, 2021.

MELO, Constantino José Bezerra. **O ritual sagrado: a religião indígena do povo Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE)**. EDITORA OLYVER, 2021.

NAÇÕES UNIDAS. **Os Povos Indígenas na América Latina**. 1976. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/674dfaa2-fe61-484a-a61f-390330e9174a/content>. Acesso em: 08 de jan. 2024.

OLIVEIRA, Edivania Granja da Silva. **Os indígenas Pankará, o rio São Francisco e a barragem de Itaparica (Luiz Gonzaga): movimentos identitários e relações socioambientais no Semiárido pernambucano (1940-2010)**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PEREIRA, Roniel Timóteo *et al.* **Análise da situação socioeconômica das populações indígenas em Alagoas**. 2023.

QUEIROZ, Angelita. **A festa da retomada: uma celebração identitária de ser Xokó na Ilha de São Pedro – Porto da Folha/SE**. 2020. Dissertação (mestrado Interdisciplinar em Cultura Popular) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

SANTANA, Pedro Abelardo de. Do local ao regional: reflexões sobre a produção histórica no campus do Sertão, Delmiro Gouveia, AL, 2010-2022. In: **Anais eletrônicos XXXII Simpósio Nacional de História da ANPUH**, 2023. Disponível em: [https://www.snh2023.anpuh.org/resources/anais/11/snh2023/1693016198\\_ARQUIVO\\_44c186f167c9feb34f4fcbf2ee9a487a.pdf](https://www.snh2023.anpuh.org/resources/anais/11/snh2023/1693016198_ARQUIVO_44c186f167c9feb34f4fcbf2ee9a487a.pdf) . Acesso 04/08/2024.

SANTOS, Maria Aparecida Oliveira; BEZERRA, Ricardo José Lima. O Toré Dos Xukuru-Kariri: Identidade E Autoafirmação Religiosa Indígena Em Palmeira Dos Índios De Alagoas. **Revista Ouricuri**, v. 10, n. 1, p. 014-030, 2020.

SANTOS, Rodrigo Cardoso; SANTOS, Ricardo Cardoso. Ancestralidade e produção de saúde na comunidade indígena Xokós, Sergipe: a educação popular como proposta de formação pelo diálogo intercultural. **Revista de Educação Popular**, p. 160-175, 2020.

SANTOS, Yuri Tomaz; GARCIA, Luciana De Assiz. " O sagrado está na natureza, fonte de energia que nos religa com tudo e todos": fraturar o antropoceno, ressignificar o fim do aiyê. **Revista Ñanduty**, v. 11, n. 17, p. 52-88, 2023.

SILVA, Carlos Gomes da *et al.* **Hordas selvagens, caboclos e índios: o imaginário social sobre as populações indígenas em Alagoas no século XIX**. Apontamentos sobre a obra “Índios de Alagoas: documentário” de Clóvis Antunes. 2023.

SILVA, Francisco Bispo. Os Xukuru Do Ororubá. **Emblemas**, v. 16, n. 2, 2019.

SILVA, Livia Moura da. **A territorialidade e os processos de identificação territorial na sociedade indígena Pankararé-Ba**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2010.

SILVA, Hugo Wesley Oliveira. De Padrinho a juremeiro: breve percurso histórico da Jurema Sagrada em Caruaru. **Patrimônio e Memória**, v. 19, n. 1, p. 65-82, 2023.

SILVA, José Roberto; SOUZA, Evilásio Clecio; RUFINO, Maria Aparecida da Silva. O ritual do toré como organizador prévio para o conceito de círculo. **Zetetike**, v. 26, n. 1, p. 75-93, 2018.

SOUZA, Edimilson Rodrigues. “xicão” xukuru do ororubá: um Cacique habitando dois mundos. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas-Campiô**, v. 1, n. 1, p. 103-117, 2022.

WUNDER, Alik; NARITA, Karina. Arte, Política e Ritual do Povo Kariri-Xocó: fotografias e narrativas de encontros com escolas. **Rebento**, n. 9, 2018.